

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 16 de Dezembro de 2015**

Texto de referência: L. Giussani, *Reconhecer Cristo*, in J. Carrón, *UMA PRESENÇA NO OLHAR*, *suppl. a Tracce-Litterae communionis*, Maio de 2015, pp. 75-88.

- *La guerra*
- *Give me Jesus*

Glória

O que é que nos consente reconhecê-Lo nas coisas que acontecem diante dos nossos olhos? O que é que permite dizer «que belo dia passei contigo [...] Um Amigo sincero veio para nós» («Di più», letra e música C. Chieffo)? O que é que nos consente reconhecer a Sua voz entre tantas outras vozes entre tantas outras palavras? O que é que nos introduz àquele silêncio? O que é que nos consente que a vida não acabe mais? Culminar

Queria perguntar-te se podes explicitar o que quer dizer que «reconhecer Cristo é um trabalho», como nos repetiste nos Exercícios em Rimini. De facto acontece-me que eu vivo os meus dias transportada pela emoção, sem me colocar perguntas. Depois, no momento em que mudam as circunstâncias de imediato caio. Acontecem factos excepcionais e imediatamente o meu coração salta no peito e pede para viver, não só, par existir. Em momentos assim recomeço, por exemplo, a ler o texto da Escola de Comunidade, mas depois o momento passa e assim também a Escola de Comunidade é deixada numa gaveta e lentamente é esquecida, aliás só pensar em lê-la torna-se uma imposição moral. Não percebo porque é que não consigo ser fiel a este trabalho. Não pode ser um dever. Quando nos dizemos para começar um trabalho, sinto-me imediatamente constrangida numa outra imposição moral. Não percebo porque não se instaura em mim uma mudança. O problema é que aquilo que acontece é muito pouco relevante para mim? Ou o problema é meu? Pode uma pessoa ser incapaz de se surpreender? Pode a minha liberdade ser tão preguiçosa que não consegue ir para além da simples emoção? E se assim fosse, como mudá-la? Tenho necessidade de poder fazer estas perguntas a alguém que me possa responder, porque percebo que assim não vou a lado nenhum e poderei estar no Movimento toda a vida e não crescer e estar sempre à mercê das ondas.

Este é um grave problema, como dizes. Porque não é que não aconteçam coisas, mas se aquilo que acontece é apenas uma emoção algum tempo depois esmorece-se. E então, como tu intuis potentemente, sobra apenas um esforço moral que nós já sabemos até onde pode ir. É um problema do acontecimento ou é um problema meu? Ou ambas as coisas? Porque se uma pessoa não cresce não O pode reconhecer. É uma coisa que temos de ter em consideração porque, como nos diz Giussani, «reconhecer a presença de Cristo, é um trabalho., no sentido literal do termo [para não haja equívoco]». Muitas vezes concebemos o acontecimento como uma evidência tão poderosa, tão evidente, que não haveria necessidade de algum movimento da liberdade para o reconhecer. Para nós – dissemo-lo muitas vezes ao longo dos anos, mas a coisa repete-se – acontecimento e trabalho estão quase contrapostos, e mal é preciso fazer algum movimento pensamos que é moralismo. Mas, amiga, quando te apaixonas por alguém, no dia seguinte queres ir ter com ele? Isto é moralismo? É uma imposição moral? Ou é o resultado do reconhecimento daquilo que aconteceu que não foi simplesmente um golpe sentimental? É nisto que muitas vezes temos dificuldade. Continua don Giussani: o reconhecimento «consiste em *tomar continuamente a iniciativa* para retomar o valor que este acontecimento tem para a nossa existência». Não acaba tudo com o acontecimento. É preciso abrir «*tomar continuamente a iniciativa* para retomar o valor que este acontecimento tem para a nossa existência». Imaginem se João e André não tivessem feito isto, se não tivessem respondido ao ímpeto com que se levantaram naquela manhã, ou seja o desejo de O rever. Acontece com qualquer acontecimento. Se prestarmos atenção à canção com que começámos o que é que

provoca um acontecimento? Transforma «o tempo numa espera», dizia Modugno cantado por Mina. Espera do quê? Espera «de te rever», ou seja uma espera que não nos deixa bloqueados. É dali que nasce o movimento, não de um esforço moralista. De uma atitude – neste sentido sim moral –, do desejo de não se perder aquilo que de belo aconteceu. Por isso Giussani diz: «é um trabalho estranho, pois exige o empenho de um retomar contínuo: “*contínuo*” porque a Sua presença é gratuita, não somos nós que a criamos [não somos nós que a produzimos], é um acontecimento que acontece e que pede para ser reconhecido sem tréguas. Normalmente nós em vez de reconhecer a presença de Cristo fazemos imagens de como esta deve ser, que acabam inexoravelmente por serem ultrapassadas e destruídas. Assim quem se cansa, porque não percebe como desejaria, vai-se embora [convém-nos perceber porque se uma pessoa não percebe, vai-se embora!]; quem pelo contrário segue, muda, e tudo para si se transfigura. O trabalho que indicámos – reconhecer a presença de Cristo – é uma inteligência da beleza [muito diferente do moralismo], não uma inteligência do nosso projecto. A beleza é o fascínio do verdadeiro e o verdadeiro que é Cristo ultrapassa-nos continuamente. A inteligência da beleza por isso, é pela sua natureza aberta, toda disposta a afirmar “alguma coisa maior” do que nós, que nos arranca continuamente às nossas imagens. De resto, não há nada de mais terrivelmente decepcionante e insatisfatório do que um projecto próprio que se tenta realizar encarnadamente. A vocação da vida é então apenas uma: estarmos [disponíveis] [...], não organizarmos [como queremos] ou possuir. A verdade que possuímos é alguma coisa de Outro que não nós, que nos arranca por isso à imagem fixa que procuramos [...], pedindo a nossa adesão na disponibilidade para um caminho sempre novo» (L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, EDIT-Il Sabato, Roma 1993, pp. 162-163). E a disponibilidade para este caminho é aquilo que confirma a natureza do que aconteceu, porque se tu encontras alguém que é igual aos outros, que não te desperta o desejo de fazer o caminho que não te desperta uma espera, está tudo dito. O problema não é que tu então devas fazer alguma coisa por um moralismo, mas sim que não tens a razão adequada para a fazer! Porque no fundo não é precioso a ponto de ser interessante para te implicares todo o teu dinamismo humano para O procurar ainda. Por isso não é uma imposição, é uma afeição que nasce de um juízo do reconhecimento do valor que tem para ti aquilo que aconteceu. Por isso quando algum tempo depois desaparece a emoção tens que te perguntar: mas o que é que me aconteceu? Foi apenas uma emoção ou foi alguma coisa realmente verdadeira graças à qual eu agora estou mais afeiçãoada do que no dia anterior, e por isso O procuro ainda, tomo de novo a iniciativa para O reconhecer? As coisas, que às vezes acontecem, logo a seguir a nos ter acontecido o encontro com algo de excepcional, ajudam-nos a dar-mo-nos conta de que tipo de trabalho se trata.

Para mim os Exercícios dos universitários em Rimini, há dez dias atrás, foram a primeira experiência com o Movimento. Fui convidada por alguns amigos e parti sem fazer a mínima ideia daquilo que iria acontecer e nunca teria conseguido imaginar aquilo que realmente aconteceu. Logo desde a primeira noite de sexta-feira, com a sua introdução, fiquei muito impressionada com as suas palavras, fiquei comovida porque percebi como sendo muito verdadeiras as palavras que disse. Verdadeiras para o meu coração porque, para mim, foi como se tivesse sido despertada de um estado de torpor, como se alguém estivesse a tornar evidente ao meu coração alguma coisa que tentei sempre afastar. De facto, como dizia, muitas vezes arriscamo-nos a cair no tédio, na resignação, nesta nostalgia que esperamos que desapareça e que, de facto, depois volta a aparecer. Eu senti este desejo de agarrar a minha vida de um modo diferente, de viver mais intensamente.

Estão a ver? O facto que acontece faz-nos agarrar a vida.

Sim, porque desde que comecei a universidade tive sempre dias de uma grande riqueza, mas faltou sempre alguma coisa que desse sentido e que unisse tudo aquilo que eu fazia. Tudo corria o risco de cair numa coisa insípida, no “sem sentido”. Diante do que ouvi naqueles dias dos Exercícios um muro foi derrubado em mim. E dei-me conta disto nos dias que se seguiram, por ver uma total abertura minha em relação aquelas pessoas que me tinham convidado, amigos com os quais consegui abrir-me, a mostrar todas as minhas fraquezas, as minhas fragilidades, o que para mim

*foi sempre muito difícil. Vi algo de estupendo em tudo aquilo que me estava a acontecer e senti-me no lugar certo, com as pessoas certas. Queria prolongar esta experiência mas, ao mesmo tempo, não via a hora de chegar a casa para contar aos que me são queridos, à minha família, ao meu namorado aquilo que tinha acontecido. Encontrei nos meus uma abertura nesse sentido, apreciaram esta minha grande felicidade; o que não aconteceu inicialmente com o meu namorado, que me disse que nunca me tinha visto tão feliz desde que nos conhecemos e por isso não aceitou esta minha felicidade porque, de algum modo, não fazia parte dela. Dei-me conta, com o voltar a este quotidiano, como é difícil conseguir fazer perceber a estas pessoas, que sempre estiveram perto, aquilo que eu estava a viver. Consegui, estou a conseguir, estou a tentar tornar evidente como se verificou uma mudança em mim. Dei-me conta de como aproveito o meu tempo de um modo diferente, como vejo as coisas de uma forma um pouco diferente e estou certa de que esta experiência não acabará. Diante da pergunta se é somente uma sensação ou emotividade, eu posso responder com firmeza e certeza que é real e verdadeiro aquilo que experimentei. Emergiram desejos e necessidades, um sentimento de fé que sinto como sendo meu. Nestes dias comecei a ler o *Sentido Religioso de Giussani*; impressionaram-me particularmente duas frases que cito. «Eu procuro para saber alguma coisa, não para pensá-la». E um pouco mais à frente: «O homem são, quer saber como é um facto: só sabendo como é, só então, pode também pensá-lo». Esta é uma frase perfeita para descrever a minha situação de procura, de algum modo, para não me conformar a um pensamento pré-construído. E também como apoio a isto pareceu-me perfeita a comparação com «a experiência elementar»: enquanto a coisa corresponde, é verdadeira e eu posso confiar. Queria só acrescentar como me sinto diferente. Gostei muito da expressão «sou a mesma, mas também uma outra». Pude constatar isto nestes dias estando com os meus amigos de quem gosto muito, os meus amigos de uma outra realidade, digamos assim, mas dei-me conta ao mesmo tempo de como alguns sábados à noite eram passados de um modo que já não me satisfaziam, não me davam aquela “alguma coisa” que encontrei com outras amizades que me tornam mais verdadeira e quero fazer esta coisa durar.*

Obrigado. Como veem, o que é este trabalho que falámos antes? Que depois de ter vivido uma experiência assim – pela qual uma pessoa teve dias cheios, percebeu uma novidade experimentável –, logo diante das reacções de uns (que são abertos) e de outros (que não percebem), começa a perguntar-se: foi emotividade ou foi realidade? Não é que fazê-lo seja um dever, não, é que a vida não me poupa o trabalho porque devo dar razão a mim própria do que me aconteceu, diante das objecções dos outros, que às vezes podem encontrar uma certa convivência em nós. E ali começa o percurso. Por isso uma pessoa sente-se em combate, porque começa a luta por aquele reconhecimento. Nada de automático e mecânico! E não é assim só agora, no período do colapso das evidências. Aconteceu, tal e qual, ao cego de nascença: apenas curado deve começar a lutar contra tudo e contra todos, deve tomar iniciativa diante dos outros e de si próprio para reconhecer o que lhe aconteceu. Isto é devido a um moralismo ou é – como dizes muito bem, porque já lês o *Sentido religioso* com esta inteligência! – devido ao desejo de saber? O homem são quer saber como é um facto: só sabendo como é, só então, pode também pensá-lo. Conhecer sempre mais. E assim com esta pergunta captas, lendo o *Sentido religioso*, aquilo que precisas para responder. E captas a experiência elementar («Isto corresponde-me») logo a primeira vez que o lês! É assim que este reconhecimento reacontece constantemente na vida. Mas nós queremos que este reconhecimento possa ser constante, e às vezes desilude-nos o facto que não seja constante como desejaríamos.

Sou pai de cinco filhos. Engenheiro, trabalho muitas horas por dia, neste período também. Estas são as circunstâncias, com efeito, e digo-me: se estas são as circunstâncias, quero ir ao fundo delas, se ali está a Presença; estou contente de trabalhar e de viver deste modo. Naturalmente, para estar diante desta Presença é necessário um trabalho, como se dizia, por isso vou à Escola de Comunidade, tenho alguns amigos que me despertam, que me dão imput e que me fazem ver esta Presença. Todavia, há dias em que entro num túnel e parece-me perder tempo: as coisas para

fazer, os prazos das entregas dos trabalhos, o telefone que toca... Depois eu sou uma pessoa particularmente stressada, sou ansioso, gosto de fazer bem as coisas, mas percebo também que, no entanto, há momentos em que se perde tempo. A minha mulher e os meus filhos chamam-me porém àquela Presença. Mas não obstante, esqueço-me e entro num túnel, por isso há dias que não há livro e não há ninguém que me possa acordar deste esquecimento. Tomado por um momento de desconforto, uma segunda de manhã, enquanto estava no trabalho, escrevia-te; como é possível não esquecer e ter constantemente o olhar sobre a Presença que dá significado a tudo? Volto a perguntar-te.

Na tua opinião o que é que podemos fazer? Tantas vezes criamos uma imagem – dizia-o antes Giussani – de como deveria ser, e pensamos que este reconhecimento deva ser totalmente constante. No início da manhã uma pessoa pode reconhecê-Lo, quando abre os olhos ou recitando o Ângelus e depois pode passar o dia quase a esquecer-se disto. Já há uns anos Giussani tinha enfrentado esta questão. É possível viver uma relação constante com esta Presença? É possível, para usar as tuas palavras, «ter constantemente o olhar sobre a Presença que dá significado a tudo?». Ter este olhar constante é aquilo a que chamamos «memória». No *Si può (veramente?!) vivere così?* (Pode (verdadeiramente?!) viver-se assim?) Giussani diz: «Memória não significa que se pense n'Ele em cada acção: nem sequer é necessário que seja assim. É necessário [para começar] que tu ames isto. Por esta razão percebe-se [faz esta digressão] por que é que o *sim* de São Pedro é a origem da moral: o *sim* de São Pedro, não a análise do como e quando, ou das leis cumpridas ou não. A moral é o *sim* de São Pedro, que é uma amorosidade expressa [introduzir o *sim* de São Pedro no Ano Santo da misericórdia provavelmente não é propriamente errado, é uma ocasião para se perceber melhor]. [...] Por isso não é necessário que penses n'Ele em cada acção, mas que tu desejes esta memória, que tu desejes a consciência desta Presença, que ames a consciência desta Presença». A nós isto parece-nos pouco e o *sim* de São Pedro parece-nos demasiado frágil. Ninguém diria que esta é a origem da moral. Pensemos: se passado uns tempos decaí, que origem é? Ou quando uma pessoa diz: «Quando voltas?», nós não acreditamos que isto seja a origem de qualquer coisa de novo. Nós não nos damos conta do valor que *don* Giussani atribui a estas coisas! «Mas a primeira resposta [...] é que esta memória [que não significa lembrar-se a todas as horas] deve ser vivida como afirmação de simpatia por Deus, de simpatia por Jesus: o *sim* de São Pedro. Mesmo que em 1000 acções se erre em 999 [não sei se alguma vez se bateu um recorde assim] – no sentido de que pelo menos 999 sobre 1000 são vividas de forma distraída; mas não apenas distraída, são contraditórias: fazem um mal –, o Senhor depois do 999º erro, dir-te-ia: “Basta que tu desejes a minha presença, desejes ter consciência da minha presença. Se o desejas, se com dor o desejas, pede-mo. Mas não no sentido de que antes de cada acção, tenhas de te deter para Mo pedires: quando paras e – por Minha graça, no fundo! – pensas em Mim, aquela única vez ou duas vezes ao dia em que te é mais fácil que isto aconteça, pede-Me que aquela memória aconteça cada vez mais, se desenvolva”. Quanto mais procurares exercitar aquela memória – ontem pensaste duas vezes, na comunhão e antes de te deitares; hoje já pensaste quatro vezes ... não interessa o número (que é uma medida opressiva), o que interessa é o valor tendencial da questão –, quanto mais tu procuras pensar n'Ele, quanto mais pedes para pensar n'Ele, tanto mais é como se o teu terreno se levantasse, se elevasse, se tornasse mais rico [...]. No tempo [segundo um desígnio que não conhecemos], ou seja, [...] a repetição dos actos quanto mais se engrossa mais se torna habitual» (*Si può (veramente?!) vivere così?*, BUR, Milano 2011, pp. 430, 432-433). Mas nós ainda acreditamos neste método? Ou Jesus enganou-se redondamente ao confiar no *sim* de São Pedro, apoiando tudo sobre o *sim* de Pedro? E Giussani enganou-se ainda mais por o ter seguido? Veem como o desafio é cada vez mais radical? Cada um deve olhar para a sua experiência e ver o que o faz mover. Porque é só o acontecimento que move. Ainda que aconteça uma única vez ao dia no meio de todas as distrações tu deves começar por responder a isto, espantado, totalmente espantado, não pelas 999 vezes em que O esqueceste (que mistério há em que a tua fragilidade seja frágil?), mas daquela única vez em que foste arrancado da distração. Começar-te-ás a espantar por aquela vez, começarás a desejá-lo e esquecer-te-ás da matemática. E quando já não consegues mais, porque

estás assoberbado ou porque perdes tempo, começarás a procurá-Lo de novo cheio de gratidão. Porquê? Porque o dar-se conta de uma falta é já uma graça que reacotece.

Voltei dos Exercícios dos universitários um bocado perplexo. Normalmente voltava contente e alegre. Mas este ano, vim irritado porque nos repetiste mais uma vez, que o método para responder à graça daqueles dias é o seguimento. Outra vez o seguir! Depois de todos estes anos no Movimento ouço pela milésima vez: seguir, seguir. Este é um momento em que tantas coisas são difíceis, sobretudo no estudo. E digo: mas aonde me leva este seguir? Estava incomodado, mas Sabemos bem que conotações tem este seguir, segundo as tuas palavras.

Exacto, não foi preciso muito.

Não foi preciso muito, de facto!

Bastou a viagem de autocarro com os meus amigos, a cantar, e depois entrar na universidade e começando timidamente a estudar, recomeçando a arriscar, e comecei a ver que toda a minha objecção desaparecia porque percebi do que é que realmente precisava

Então o seguir não era assim tão complicado!

Foi preciso pouco porque depois estava sempre a vir-me à cabeça: «Notam faciet gloriam nomini Sui in laetitia cordis vestri» (dará a conhecer a glória do Seu nome pela alegria dos vossos corações). Eu preciso disto, porque estar com os meus amigos, estar juntos deste modo, muda-me. E preciso de me ajoelhar todos os dias, diante do Pão e do Vinho, porque esta realidade encarnou realmente, e se a tratamos por aquilo que é, ela responde. Não é preciso muito. E por isso, depois desta premissa, chego à pergunta. Fiquei impressionado com o vídeo de Giussani, sobretudo quando ele diz que o trabalho pode e deve tornar-se obediência. Então, como posso mostrar melhor que este trabalho se torna obediência? Depois de reconhecida a carnalidade de Cristo nas coisas, como posso segui-Lo no quotidiano? Porque depois dos Exercícios não é fácil. Não posso estar sempre à espera de um facto excepcional e por isso preciso mesmo de crescer e de seguir sempre.

Tentemos seguir a experiência. Quando tu reconheceste esta carnalidade, o que é que aconteceu?

Quando A seguia, estava mais feliz, esta raiva desaparecia.

No mail que me enviaste, dizias: «A dada altura percebi a natureza bela do seguimento».

Eu reduzo sempre o seguimento a

Exacto! É uma redução moralística do seguimento. Mas porque é que o reduces dessa forma? Porque te separas da experiência que fazes (no autocarro, a cantar, a estudar na universidade, etc.). O cristianismo é um acontecimento presente que eu reconheço e que constantemente me arrasta a uma bela experiência de seguimento, ou então não é cristianismo. E se não, acabas por te cansares. Então, que a obediência seja um trabalho é, usando as tuas palavras, perceber «a natureza bela do seguimento». Ponto. Se vocês separam a experiência que fazem, das palavras que usam, as palavras acabam por adquirir um significado diferente do verdadeiro. Tornar trabalho a obediência quer dizer que tu obedeces à modalidade com que o Mistério te arrasta agora. E se tu obedeces à modalidade com que o Mistério te arrasta agora, a experiência que fazes é belíssima e não desejas mais nada senão isto. E isto pode acontecer no gesto grande dos Exercícios ou num gesto tão simples como cantar no autocarro; ou diante de um gesto gratuito, ou vendo coisas que acontecem diante de nós e que nos impressionam. Assim, basta seguir o que Ele continua a fazer diante dos nossos olhos. Mas para ver tudo isto, o que é preciso? Frequentemente não vemos estas coisas nem a sonhar!

Antes dos Exercícios da semana passada, invadia-me uma grande sensação de insatisfação, sentia um vazio na minha vida que me levava a pedir, a perguntar o que é que era esta falta que gerava em mim este vazio, e como é que poderia ser feliz. Mas dava-me conta que, ainda que atormentado pelas perguntas, neste levar-me a sério (até mesmo nas coisas banais), o pedir era necessário para responder àquele sentido de vazio. É claro que estas interrogações constantes cansam, mas quanto mais avançava, mais percebia que não podia perder aquela pergunta, porque senão nada tinha sentido. Foi assim que cheguei aos Exercícios e a tua introdução já tinha a ver comigo, com a minha questão urgente, com as minhas perguntas, como se tu soubesses de tudo. Na manhã

seguinte, durante o vídeo tão comovente, nasceu em mim uma raiva enorme porque houve um momento em que Giussani, ao falar de várias circunstâncias negativas tal como a doença, dizia que Cristo age também através destas circunstâncias. Mas isto a mim não me basta. Estava tão insatisfeito que depois do almoço recebi um telefonema da minha mãe em que, ao dizer os resultados da última ressonância, disse-me que a sua doença parecia estável porque não há novas lesões. Contava-me tudo com imensa alegria, mas eu não conseguia ter uma migalha de felicidade, não era capaz de estar contente, nem sequer por ela. Estava só irritado, infeliz, ao ponto de que só se a sua doença desaparecesse totalmente é que eu poderia ficar contente. Isto quase que me enlouqueceu, tinha uma repulsa por mim. Mas no final, voltei dos Exercícios consciente de que havia um facto presente entre nós, e quanto esta companhia me era estranhamente necessária....

Porquê? Continua. Para preparar os teus ouvintes, para que estejam muito atentos.

Necessária porque te faz abrir os olhos.

Porque te faz abrir os olhos!

Cristo e o movimento começam a ter cada vez uma maior incidência na minha vida. Mas aquela resposta que deu o Gius ainda não é clara. Por isso pergunto-te: como se faz para ter a certeza com a qual se pode responder a qualquer dor ou desgraça, como fez Giussani? Como se faz para ter uma certeza tal que até quando o Seu desígnio parece totalmente negativo para ti, tu consegues enfrentá-lo daquele modo?

Alguém quer responder?

Queria contar um facto muito simples que aconteceu com a mãe de um colega do meu filho. Antes do Verão, as famílias da classe infantil do meu filho, despedimo-nos com um almoço de pizzas. Esta senhora, uma mulheraça, chefe numa fábrica, perguntava-nos onde iríamos nas férias. Sem pensar muito naquilo que digo, respondo-lhe que iríamos à praia com os irmãos e pais do meu marido e, mesmo que não estivéssemos bem, pelo menos estaríamos juntos. Então pergunta-me: «Porque é que não estariam bem?». Ela não sabia que me tinham diagnosticado uma doença pelo que às vezes não me encontro bem. Depois de lhe ter explicado, olhou-me espantada e disse-me: «Desculpa, mas como é que tens essa bela cara? Porque é que não estás desesperada? Como consegues estar serena a tratar dos teus filhos? Eu não conseguiria viver». E depois começa a chorar e a contar-me que lhe tinha morrido o netinho e que desde esse dia nunca mais se restabeleceu porque tudo passou a ser pesado e a angustiá-la. Insistia muito com perguntas e estava realmente impressionada com a minha cara, sem que eu fizesse nada de especial. Tinha-me visto no meu quotidiano, a comer uma pizza e a tomar conta dos filhos. Respondi-lhe que não estou desesperada, mas sim certa de que o que me acontece não pode ser uma falsidade porque encontrei Jesus e Ele nunca me enganou. Muito pelo contrário: através de alguns factos e com a companhia de algumas pessoas, levou-me a dar-me conta d'Ele, d'Ele em tudo. É Jesus quem me dá a graça da fé, mas também um caminho. Disse-lhe que pertença ao CL que é o lugar onde sou educada a aprofundar a minha relação com Jesus. É Jesus quem molda o coração do homem ao ponto de me dar alegria mesmo na fadiga mais impensável. Por isso não pude senão dizer-lhe para vir comigo ao lugar onde sou educada a um olhar destes, e convidei-a para a Jornada de Início de Ano. Acabou por não vir, mas escreveu-me que não podia não pensar na minha cara, todos os dias ainda que não conseguisse iniciar este caminho. Talvez um dia. Respondi-lhe que nos devíamos ver em breve e que não deveria sufocar a ferida do coração. Há poucos dias festejámos o aniversário de outro dos meus filhos, e convidei-a. Ao ver os nossos amigos, no como estavam juntos (e não fazíamos nada de extraordinário: uns jogavam com as crianças, outros falavam da vida, tudo coisas que a nós nos parecem normalíssimas e que damos por adquirido, mas que de facto não o são), vendo a minha alegria e a do meu marido numa circunstância não tão simples assim, veio ter comigo comovida e diz-me: «Tudo isto não é possível. Aqui passa-se alguma coisa extraordinária». Obrigado. Veem? Quando aceitamos ser educados, acontecem estas coisas: podemos olhar desta forma para a realidade da doença, ao ponto de fazer vir ao de cima todo o espanto daquela senhora. O que é que consente esta certeza? O caminho feito. Deixar-se imergir, constantemente, num novo

olhar: «É Jesus quem me deu a graça da fé, mas é um caminho». Pertencendo ao movimento, «o lugar onde sou educada a aprofundar a minha relação com Ele», Jesus molda o seu coração de tal modo «que me dá a alegria mesmo na fadiga mais impensável», ao ponto que se nota na cara. É verdade que não és tu a ‘fazer’, porque é o resultado de alguma coisa que Ele molda. Mas este ser moldada é o fruto de um caminho que seguiste com disponibilidade.

Trabalho na universidade e este ano voltei a ter a sorte de ir aos Exercícios dos universitários. Rever pela segunda vez (depois da Fraternidade) o vídeo Reconhecer Cristo impressionou-me muito e comovi-me. Neste último mês trabalhámos imenso sobre o texto Reconhecer Cristo, mas vê-lo é outra coisa. No sábado pensei que ouvir assim falar do que João e André tinham feito depois de terem encontrado Jesus, uma pessoa poderia dizer: «Que fantasia a do Gius! Que invenção!». Mas don Giussani fez precisamente a mesma experiência, fazia-a, estava a falar-nos de si próprio, talvez até a pensar no como tinha tratado os seus amigos e os seus estudantes. E isto pareceu-me uma coisa do outro mundo. Que diferença entre ler e fazer experiência! Posso dizer que fiz experiência de Cristo presente, e também me lembrei de tantos textos escritos que giram por aí, com o desejo de os ter todos, mas é outra coisa. É toda outra coisa vê-lo à frente. No sábado isto foi-me dado. A outro foi dada outra coisa. Quando se fala de Cristo como o ideal da vida, Gius fala de gratidão. De novo, ao voltar a ouvi-lo, fiquei grata porque me fez olhar para a minha história. Domingo, na síntese, enquanto falavas da preferência do Senhor, que Deus nos escolheu, disseste: «Estamos aqui porque a nossa presença documenta a predilecção de Deus que venceu todas as nossas resistências». Como é verdade isto se repenso na minha história e na do meu marido! E isto voltou a comover-me porque Ele me escolheu. Posso dizer que esta verdade entrou na minha vida há já alguns anos, tornou-se uma certeza conquistada. Um nosso amigo viria a dizer: «É como a linha de Piave: foi uma conquista por isso já não se põe em discussão». Grata por tudo isto, a passagem para a gratuidade pura de que falas, às vezes é difícil inclusive com os afectos mais fortes em que aparece a sombra e a chantagem de ter de dar alguma coisa em troca, onde há o desejo bom de uma satisfação. Bloqueio e quase que caio na desilusão. Mas então não é verdade que estou grata? E estou! Voltei de Rimini de coração cheio, mas à primeira desilusão do quotidiano, é como se me tivessem cortado as pernas. E a propósito disto, podes explicar melhor a frase do Gius: «Não foi ontem, é hoje; não é hoje para mim, mas é hoje para ti, qualquer que seja a posição em que te encontras. Muda-a se é para mudar!». (L. Giussani, Reconhecer Cristo, in J. Carrón, Uma presença no olhar, p. 77). Porque pode-se entender num sentido um pouco moralístico, um pouco ético, que eu devo fazer alguma coisa, um esforço: devo estar mais disponível, devo mudar o modo com que faço as coisas. Mas penso que seja muito mais do que isto, até porque o estar disponível para mudar não se mantém, não conseguimos. Podes explicar-me? Será que também devo mudar o modo com que me olho e trato?

Para perceber até ao fim, é preciso apanhar o nexos entre a gratidão e a gratuidade que é um modo de dizer o que é o acontecimento cristão, a natureza do acontecimento cristão. Ou seja, a natureza daquele acontecimento que se impõe de tal modo, que nos muda a tal ponto, que nos enche de tal modo de gratidão, que desta gratidão nasce a gratuidade. É o que diz Giussani: «Amei-te com um amor eterno e tive piedade do teu nada» (cfr. Jer 31,3). Sem reconhecer isto constantemente, é difícil mudar, porque seria moralístico qualquer nosso ‘fazer’. Giussani diz que só se nos damos conta da natureza do que Cristo faz connosco, só se olharmos para Ele constantemente, sob a pressão desta comoção, poderemos actuar como Ele, sermos capazes desta gratuidade. Que é fruto da presença de Cristo, que é a mudança que Cristo faz em nós. Por isso o Papa convocou este Ano Santo da Misericórdia, como que a dizer-nos: olhem para Cristo, porque sem olhar para Cristo vocês não podem ter misericórdia, não podem ter gratuidade, capacidade de abraçar, de perdoar, de dar testemunho da diversidade que Cristo introduziu no mundo. A mudança não é um moralismo, mas sim a expressão do estar cada vez mais investidos por Cristo. Escreve-me um universitário que, mal chegou aos Exercícios, ficou desagradado porque o tinham posto no quarto com outro de quem ele não gostava nada. E então «comecei a abrir-me a esta possibilidade: e se este tipo não for apenas

o seu limite? E se, através dele, o Senhor não me quer boicotar, mas me está a pedir para mudar e aprender a olhar para o outro simplesmente pelo facto de que existe? A minha atitude mudou radicalmente naquele momento [não por um moralismo, mas como possibilidade de uma novidade]. Estava curioso e desejoso de verificar aquela hipótese [desponta um modo diferente de entrar em relação com tudo]. Na manhã seguinte vemos o vídeo *Reconhecer Cristo*, onde Giussani afirma com uma enormíssima intensidade: “Digo apenas que este acontecimento ou esta presença acontece hoje – hoje! Aquele fluxo humano de que falámos, eu hoje levo-o à tua vida. Só existe Deus, só Deus, ontem, hoje e sempre. Um grande acontecimento, dizia Kierkegaard, não pode ser senão *presente*, porque não é um passado, um morto, que nos pode mudar. Mas se algo nos muda, está presente. “Está, se muda” (pp. 77-78) [se nós separamos a gratidão da gratuidade, a gratidão torna-se um passado; mas se é um presente, vê-se porque muda]. Ouvir estas palavras iluminaram-me e comoveram-me, porque me fizeram dizer: se eu pude mudar a minha posição diante deste tipo, é porque Cristo aconteceu. Ele mudou-me, muda-me e, portanto, está presente [tanto é verdade que cada cristão dos primeiros séculos dizia: porque o que me mudou é tão potente, só pode ser obra do Espírito Santo]. Ao voltar para casa dei-me conta da potência disto: se Cristo está presente, tem a ver com tudo, tudo é ocasião de relação com Ele. Quando entrei em casa, em vez de ser duro com a minha irmã, como costume, descobri-me mais disponível e meigo [gratuito!] e diante do seu limite disse para mim mesmo: se Cristo te ama assim como és, mana, então eu também te acolho assim. No entanto, dou-me conta que este novo olhar de que participo, não é nem por sombras uma coisa adquirida. Eu não sou capaz de olhar as coisas com os olhos de Cristo [por isso muitas vezes decai tudo num moralismo: porque não olhamos bem!]. Veio-me parar às mãos uma carta pastoral de Scola *Educar ao pensamento de Cristo*, em que na página 47 [citando o famoso texto da Carta aos Romanos, capítulo doze, onde se diz para oferecer o corpo como culto espiritual] vem escrito: “Constatamos todos os dias como este ‘culto espiritual’, ou seja, a oferta da nossa vida em Cristo, com Cristo e por Cristo, não é automática. Por isso Paulo, com um realismo profundo, adverte os cristãos que estão no mundo [...] a não deixar que seja o ‘mundo’ a conformar-nos ao seu ‘esquema’. Não se pode ser conforme ao mundo quando este nos propõe esquemas destrutivos nas relações com as pessoas, com a família humana e com a criação. Estes esquemas provêm como o evangelho paulino nos mostra, do enigma originário do pecado do homem, do seu coração ferido e desanimado que fica exposto à sedução da afirmação de si, apesar de tudo e de todos.

Acolher o encontro com Cristo, segui-Lo, comporta uma conversão (*metanoia*) permanente, uma mudança de mentalidade para assumir cada vez mais a pessoa e a existência de Cristo como critério do próprio pensar e agir. [...] Toda a experiência da vida humana, nas suas várias dimensões, entra na esfera litúrgica adquirindo uma dignidade extraordinária”. É verdade. Este olhar não é nem por sombras automático. E não porque Cristo não esteja presente, mas porque eu sou pecador e não consigo ver bem as coisas, só vejo a crosta da ferida. É preciso que me ponha humildemente a seguir Cristo, como fizeram João e André, à procura daquela conversão permanente. Quanto mais passam os dias, tanto mais me dou conta que a experiência do Movimento incide na raiz mais profunda do meu ser. Até quando estou distraído e absorto em mil coisas, tenho a possibilidade de recomeçar a partir deste juízo claro: Cristo está presente e tudo é Seu». Este é o novo modo de olhar a que Cristo nos introduz, que nos faz olhar para tudo de modo diferente e que torna tudo novamente amável, porque tudo descobrimos na sua verdade. Não é que Cristo olha só para os nossos erros, para o nosso mal, e apesar de tudo tape o nariz e nos diga: «Quero-te bem». Cristo vê aquilo que nós não vemos! E por isso, sem ser introduzidos ao olhar de Cristo, ao pensamento de Cristo, é difícil que vivamos esta novidade na relação com todos. O Natal é uma ocasião fantástica para poder participar, pelo pedido, neste evento no qual podemos reconhecer a Sua presença; introduzidos a este novo modo de olhar, começaremos a ver coisas que agora não vemos, que não conseguimos, que nos passam despercebidas. E ali mesmo, em tantas coisas que damos por adquiridas, está a presença de Cristo. Mas nós não O vemos por causa do nosso olhar redutor, porque não fomos educados a olhar com os olhos de Cristo. Porque, para explicar tantas das coisas que nos dizemos, é preciso que o Verbo se tenha feito carne e que habite entre nós.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar na quarta-feira 20 de Janeiro às 21:00.

Retomaremos ainda a lição de *don Giussani Reconhecer Cristo*. Que este texto nos acompanhe neste tempo de Natal, para o poder viver na companhia de *don Giussani*.

Manifesto de Natal. Como viram foi uma surpresa a imagem deste ano, ou seja o quadro de Kandinsky. Certamente é muito mais fácil olhar uma imagem clássica, com Nossa Senhora, o Menino Jesus, etcetera e deter-se na primeira reacção sentimental ou na impressão visual em função da qual dizemos: «Agrada-me mais» ou «agrada-me menos», sabendo já ou pensando saber o que está na imagem.

Desta vez, ao invés, somos chamados a interrogarmo-nos, a ter talvez um pouco mais de trabalho, a perguntar: «Que coisa vêes?». E depois: «Porque é que vêes aquilo que vêes?». Se alguém faz esta pergunta, a seguir encontra a resposta, que nunca é unívoca, porque a arte não é matemática, mas pede o encontro de duas liberdades. O facto de alguém ficar bloqueado perante uma imagem como esta, diz que não estamos habituados a esta dinâmica, e não só diante da arte, mas diante da vida, das circunstâncias. Por vezes são as crianças que explicam o manifesto aos pais! Então, a escolha desta imagem está toda dentro do caminho que estamos a fazer, com o coração em tensão para ver que coisa o Senhor nos está a dizer através das circunstâncias da vida. Até na escolha de uma imagem pode estar uma indicação de método que vale para tudo. E que pode mudar também o modo como propomos o manifesto de Natal, como ocasião para dividir uma pergunta. Na *Passos de Dezembro* podem ler esta sugestão: «Este desenho [...] [torna] clara e pura uma dinâmica completamente real e humana. Esta dinâmica é a atração exercida sobre a linha (a nossa vida) por um ponto (o outro, o convidado inesperado). Algo que, apesar de desmaterializado na representação de Kandinsky, produz, como ele mesmo tinha escrito, “uma vibração do coração”. E talvez as curvas que acompanham a trajetória possam ser lidas justamente como a representação desta vibração». É uma tentativa irónica. Talvez uma imagem clássica fosse mais cómoda. Não sei se mais incidente, mas pelo menos mais cómoda.

É uma ajuda para olhar para ali, para aquele “ponto decisivo”, atractivo para cada um de nós, como também o Papa e *don Giussani* nos dizem nas duas frases que escolhemos. O manifesto não é somente uma imagem que não é acompanhada por nada.

Recordo-vos um gesto importante de caridade que propomos neste período: as Tenda AVSI, que este ano são a favor dos refugiados.

Nestes meses indicámos como livro do mês o texto *A Beleza desarmada* (editado pela Rizzoli); sê-lo-á ainda por alguns meses, para vos dar a possibilidade de acabar a leitura.

Com a abertura da Porta Santa iniciou-se o Jubileu da Misericórdia. Não nos preocupemos somente com o gesto que faremos. Seria errado reduzir o Ano da Misericórdia apenas a alguns gestos que poderemos fazer juntos. É uma conversão do coração, aquela a que nos convida o Papa Francisco. É uma pena perder esta ocasião, porque temos necessidade da misericórdia; e este ano pode ser uma oportunidade única para aprender o que é a misericórdia da qual todos temos necessidade. Quem mais do que *don Giussani* nos ensinou isto? Como já começámos a dizer hoje, pensemos em como ele falou do «sim de Pedro» no *Reconhecer Cristo*.

Precisamente por isto, pelo conteúdo precioso desta lição, pensámos em disponibilizar o Reconhecer Cristo com um dvd que será distribuído com a Tracce de Fevereiro por ocasião do XI aniversário da morte de *don Giussani*.

Faremos ainda uma venda extraordinária num fim-de-semana de Fevereiro. As cópias da revista serão reservadas a partir de 15 de Janeiro de 2016.

Votos de Bom Natal a todos!

Veni Sancte Spiritus